

DOCUMENTÁRIO E ORALIDADE: COMPARTILHAMENTO DE SABERES EM SALA DE AULA

DOCUMENTARY AND ORALITY: SHARING KNOWLEDGES IN THE CLASSROOM

Caroline Westerkamp Carvalho Costa¹

RESUMO

Este relato tem como tema a relação entre oralidade e documentário em sala de aula a partir de experiência própria no Projeto Memória Andante (Itajaí/SC), onde realizei um conjunto de ações que culminaram em documentários produzidos pelos estudantes. O texto resgata conceitos da oralidade, do documentário e da cultura descrevendo o projeto cultural em questão. Espera-se que esse trabalho seja de utilidade à reflexão sobre a cultura como ferramenta de estímulo à aprendizagem da comunicação, oralidade e linguagem audiovisual em sala de aula, trabalhando especificamente o documentário, que oportuniza aos alunos as mais diversas experiências dentro da Língua Portuguesa.

Palavras-Chave: Documentário; Língua Portuguesa; Oralidade; Cultura.

ABSTRACT

The theme of this report is the interaction between orality and documentary in the classroom based on my own experience in the Walking Memory Project (Itajaí/SC), carried out from a set of actions that culminated in documentaries produced by students. The text rescues concepts of orality, documentary, and culture, describing the cultural project. I hope this work will be useful for reflection on culture as a tool to stimulate the learning of communication, orality, and audiovisual language in the classroom, especially addressing the documentary, which allows students to have more diverse experiences within the Portuguese language.

Key words: Documentary; Portuguese Language; Orality; Culture.

1. INTRODUÇÃO

Se perceber no lugar onde vive é muito mais do que entender a história local, a educação patrimonial sempre foi associada apenas às disciplinas históricas, porém é fato que ela é atravessada principalmente pela língua, pela comunicação e pela oralidade. O ato de contar e registrar histórias através da linguagem audiovisual, especificamente do documentário

¹ Atualmente é Mestranda em Jornalismo pela Universidade Federal de Santa Catarina. Produtora Cultural e Audiovisual. Bacharel em Comunicação Social pela Universidade do Vale do Itajaí. e-mail: westerkamp@gmail.com

oportuniza os alunos as mais diversas experiências dentro da Língua Portuguesa, pois não representa só passados, mas registra o presente dos alunos e horizontes de futuro, estimulando-os em ações de preservação, entrevista, oralidade e valorização dos ensinamentos populares e seus desdobramentos.

No Projeto Memória Andante (2018), realizei um conjunto de ações integradas de promoção e preservação do patrimônio imaterial, que através de oficinas de documentário e comunicação, incentivava os alunos dos quintos anos do Ensino Fundamental em pesquisas, entrevistas e narrativas de suas próprias histórias. O projeto ia ao encontro da Base Nacional Comum Curricular, que destaca

As práticas de linguagem contemporâneas envolvem não apenas novos gêneros e textos cada vez mais multissemióticos e multimídia, mas também novas formas de produzir, configurar, disponibilizar, replicar e interagir. As novas ferramentas de edição de textos, áudios, fotos, vídeos tornam o resultado para qualquer pessoa a produção e disponibilização de textos multissemióticos nas redes sociais e outros ambientes web, publicar fotos, vídeos diversos, podcasts, infográficos, enciclopédias colaborativas, revistas e livros digitais, etc (BNCC, 2018, p. 68).

Para entender esta relação entre documentário em Língua Portuguesa, fiz um estudo do Projeto Memória Andante (2018) para responder a seguinte questão: **Quais contribuições, os projetos que envolvem documentários e saberes da cultura trazem para as aulas de Língua Portuguesa?**

Busquei convergir neste relato, o conceito de oralidade à prática do audiovisual, aliando o interesse dos alunos às técnicas de filmar e entrevistar. Além da revisão bibliográfica associada ao objeto, fiz uma análise de conteúdo, a partir da coleta de dados e dos próprios documentários realizados pelos alunos. O Projeto Memória Andante (2018) aconteceu em cinco turmas na cidade de Itajaí/SC² e foi embasado no conceito de História Pública proposto por Almeida e Rovai (2011), que percebe essas iniciativas como

Uma possibilidade não apenas de conservação e divulgação da história, mas de construção de um conhecimento pluridisciplinar atento aos processos sociais, às suas mudanças e tensões. Num esforço colaborativo, ela pode valorizar o passado para além da academia; pode democratizar a história sem perder a seriedade ou o poder de

² É importante frisar que em todas as turmas, o projeto foi acompanhado pelas respectivas professoras regentes que separaram as aulas de Língua Portuguesa para a realização do projeto.

análise. Nesse sentido, a história pública pode ser definida como um ato de "abrir portas e não de construir muros", nas palavras de Benjamin Filene. (ALMEIDA; ROVAI, 2011, p. 7).

O objetivo era usar a história de vida dos alunos e a história do bairro da escola, como elo de ligação para a pesquisa e união das crianças. O projeto foi patrocinado pela Lei de Incentivo à Cultura de Itajaí/SC e contemplou 148 alunos da Rede Municipal de Ensino.

Os encontros aconteceram semanalmente totalizando 3 meses de trabalho. As turmas de cada uma das cinco escolas aprenderam as práticas de entrevistas e audiovisual para produzirem os seus próprios curtas-metragens. Os alunos tiveram a oportunidade de conhecer a importância histórico-social do bairro, além de identificarem seus patrimônios materiais e imateriais. As memórias relembradas pelos entrevistados promoveram nos alunos reflexões sobre a influência do passado nos dias atuais e projetou o impacto das ações do homem no futuro. As dinâmicas foram voltadas para o engajamento em equipe, onde era necessário que um colega ajudasse o outro. Os debates sobre as memórias e experiências dos alunos, suscitaram questões em torno da identidade, da infância e da velhice. As lembranças e saberes dos antepassados eram reproduzidos pelos alunos em sala de aula, os avós eram referência para eles, porque detinham o conhecimento do passado.

Figura 1: Dinâmicas e debates sobre as memórias dos alunos no Projeto Memória Andante (2018)



Fonte: Autora

2. CULTURA, DOCUMENTÁRIO E ORALIDADE

A utilização do documentário em sala de aula, é antiga. Muito além de entreter, o documentário traz fragmentos da realidade conhecida ou desconhecida do aluno. Ela contribui de sobremaneira nas aulas de História, Arte e Língua Portuguesa, despertando consciência

histórica, visão estética e senso crítico. Neste artigo, propomos relacionar os conceitos de documentário, oralidade e cultura, a fim de analisar empiricamente o Projeto Memória Andante (2018) que motivou alunos a registrarem variadas histórias a partir de entrevistas com moradores, familiares e professores de suas escolas.

Como sabemos educar é incluir o sujeito na sua cultura, para que ele possa viver em sociedade, participar do grupo, se perceber e se sentir integrado à sua comunidade. Porém, são as culturas como forma de diferenças que criam conflitos desde os primórdios. São choques religiosos, culturais e comportamentais, que prejudicam a miscigenação e o próprio aprendizado que uma cultura poderia ter com a outra (SODRÉ, 2012).

A perspectiva de cultura entendida por Hall (2016) é de que

Basicamente, a cultura diz respeito à produção e ao intercâmbio de sentidos - o "compartilhamento de significados"- entre os membros de um grupo ou sociedade. Afirmar que dois indivíduos pertencem à mesma cultura equivale dizer que eles interpretam o mundo de maneira semelhante e podem expressar seus pensamentos e sentimentos de forma que um compreenda o outro. (HALL, 2016, p. 20).

Ou seja, a cultura faz parte do humano e a escola deve garantir tanto o acesso cultural no ensino, quanto o respeito às diferenças como forma de integração entre alunos, professores e famílias pois “toda cultura é singular, geograficamente ou socialmente localizada, objeto de expressão discursiva em uma língua dada, fator de identificação dos grupos e dos indivíduos e de diferenciação diante de outra”. (WARNIER, 2000, p.21)

O projeto Memória Andante foi realizado em áreas periféricas e rurais, onde tinha-se a realidade de diferenças culturais dada as migrações inter-regionais que fizeram com que muitos alunos do projeto fossem nascidos em outros estados brasileiros, conhecendo pouco a história e cultura dos seus atuais locais de moradia. Neste sentido podemos dizer que “[...] a escola é, sem dúvida, uma instituição cultural”. (CANDAU, 2003, p.160). Candau (2003) nos ensina que a redução das desigualdades está no reconhecimento das semelhanças que rompem a exclusão, pois justamente essas exclusões cíclicas fazem com que não haja entendimento cultural no Brasil.

As dinâmicas dos projetos culturais dentro das escolas dão a chance de integração de pontos de vista, pois atuam na participação e na interação, em atividades que promovem pesquisas e valorizam bens culturais, como as próprias memórias individuais dos estudantes, lembranças da infância, memórias de família, histórias contadas de mãe e pai para filho.

Para Néstor Canclini (2009), a cultura é

Um conjunto de processos através dos quais dois ou mais grupos representam e intuem imaginariamente o social, concebem e gerem as redações com outros, ou seja, as diferenças, ordenam sua dispersão e sua incomensurabilidade mediante urna delimitação que flutua entre a ordem que torna possível o funcionamento da sociedade, as zonas de disputa (local e global) e os atores que a abrem para o possível. (CANCLINI, 2009, p. 49).

Segundo o autor, o conjunto de processos sociais de produção, circulação e consumo da significação da vida social configuram o grande movimento da cultura e assim fazem dos projetos culturais, ações fundamentais no dia a dia da escola que possibilitam aos estudantes, a criação de relações e produções de conhecimento com base nas informações trocadas com os colegas, resultantes da interação social que, no nosso caso, a própria prática de produção do documentário proporciona.

Pesquisador da área é Luiz Carlos Lucena (2012) que afirma ser o documentário, uma produção audiovisual “que registra fatos, personagens, situações que tenham como suporte o mundo real e como personagens os próprios sujeitos da ação” (LUCENA, 2012, p. 11). Bill Nichols (2005) explica no célebre "Introdução ao Documentário" que o documentário não é uma reprodução, mas sim uma "representação" de alguma expressão do mundo social e histórico, sendo criado na forma de um argumento que necessariamente presume uma perspectiva na hora de rearranjar o material captado para compor o vídeo, ou seja, o ponto de vista dos estudantes do projeto.

Para o professor brasileiro Fernão Pessoa Ramos (2008), o documentário é um tipo de narrativa que utiliza de imagens para fazer asserções sobre aspectos diversos do mundo que nos cerca. E aquilo que torna a narrativa do documentário singular é determinada pela “natureza das imagens-câmera” e, principalmente, pela “dimensão da tomada através da qual as imagens são constituídas” (RAMOS, 2008, p.22). As narrativas, no caso dos documentários, são tratadas

pelo diretor do filme para dar a sensação de realidade, de veracidade, criando uma espécie de pacto com o espectador. Um dos aspectos para dar credibilidade ao documentário são os relatos de fontes orais baseados em entrevistas.

O projeto Memória Andante trabalhou com os alunos a oralidade através de documentários. O ápice dos projetos foi o momento das entrevistas, onde os próprios alunos criaram perguntas e entrevistaram moradores, familiares e professores, construindo assim, através da oralidade, narrativas que revelavam a identidade da comunidade.

As imagens e falas dos entrevistados documentam uma época ou um determinado acontecimento no bairro e é através do documentário que os alunos se interessam pelo registro, criando um arquivo de memória com os testemunhos da história. A oralidade é a manifestação da língua viva, é dinâmica e sempre varia. É pela oralidade que a identidade de uma comunidade é exposta, revelando conflitos, valores e a sua diversidade.

A voz não se esgota naquilo que ela transmite e a oralidade põe em funcionamento tudo que em nós se destina ao encontro do outro. Isso porque, nas poéticas orais é que se instauram as formas de sobrevivência, (re)emergência de um antes, de um ontem, pois muitas práticas da vida social são explicadas através dela suas peculiaridades e influências dentro do cotidiano de toda e qualquer sociedade. Expressa crenças, valores, presentifica e reatualiza saberes. (RÊGO, 2009, p.55).

Para Walter Ong (1998), existem dois tipos de oralidade. A "oralidade primária" está relacionada com a oralidade das culturas intocadas pelo letramento, sujeitos que não tem proximidade com a escrita. Já a "oralidade secundária" diz respeito a nossa cultura atual, onde a oralidade é sustentada pelo telefone, rádio, televisão e outros meios eletrônicos que, para existirem e funcionarem, dependem da escrita e da imprensa. Já Zumthor (1993), distingue três tipos de oralidade que variam de acordo com a época, região e classe social: "primária e imediata localizada nas sociedades desprovidas de todo sistema de simbolização gráfica, ou nos grupos sociais isolados e analfabetos" (ZUMTHOR, 1993, p.18); "oralidade mista" em que tanto oral quanto escrito coexistem, mas a influência do escrito "permanece externa, parcial e atrasada" (p.18); oralidade segunda ou cultura letrada que se "recompõe com base na escritura num meio onde este tende a esgotar os valores da voz no uso e no imaginário". (ZUMTHOR, 1993, p.18)

O desenvolvimento da oralidade se dá na escola, como afirma Marcuschi (1997) e é fundamental o trabalho da oralidade nas aulas de língua materna, pois quando sentimos a necessidade de exercer poder ou influência, evocamos o discurso. Ou seja, é só pela fala, enquanto oralidade que interagimos na sociedade.

Assim como a escrita, a dimensão oral da língua prepara o aluno para as mais variadas situações, [...] saber argumentar, narrar e expor, reconhecendo a situação interacional em que está exposto, pode ser o primeiro passo para se tornar um sujeito-falante fora da margem social, um “falante desmarginalizado”. (NEGREIROS; VILAS BOAS, 2017, p.116).

Ao exercitar a linguagem oral na escola, o aluno se prepara para as mais variadas aplicações comunicativas, desde situações da vida pessoal, trabalho, política, entre outras. E o professor pode criar novas maneiras de trabalhar a oralidade para que o aluno seja “capaz de adequar a língua em instância pública dialógica diversificada e complexa a qual envolve inúmeras situações do exercício da cidadania a avaliações.” (CRESCITELLI; REIS, 2011, p. 32 *apud* NEGREIROS; VILAS BOAS, 2017, p.117)

Porém é importante lembrar que

A questão não é falar certo ou errado e sim saber que forma de fala utilizar, considerando as características do contexto de comunicação, ou seja, saber adequar o registro às diferentes situações comunicativas. É saber coordenar satisfatoriamente o que falar e como fazê-lo considerando a quem e por que se diz determinada coisa. (PCNs, 1996, p. 16 *apud* NEGREIROS; VILAS BOAS, 2017, p. 118).

Em última análise podemos dizer que o Projeto Memória Andante, além de trabalhar com a oralidade se aproximou da história oral, pois houve o exercício e incentivo ao diálogo com as fontes (moradores locais e professores das escolas), registrando as memórias e experiências que compõem uma história. A expressão história oral é “uma forma específica de discurso: história evoca uma narrativa do passado; oral indica um meio de expressão” (PORTELLI, 2001, p. 10). Dessa maneira entende-se que as fontes orais utilizadas no projeto Memória Andante contribuem também para a memória e identidade.

O cinema documentário possui uma dimensão histórica própria, possui uma função de armazenamento da memória em movimento. Não somente no sentido das imagens, mas da própria memória que com o tempo vai modificando seu olhar sobre o passado. [...] A memória tem dois momentos: conservação de sensações (o arquivo) e

reminiscência (o ato de lembrar). O cinema tem esses dois aspectos, ele conserva, enquanto imagem, o registro de um tempo e espaço e a sua fruição nos induz a uma lembrança. O cinema como arquivo da memória pode se tornar como uma fonte de pesquisa histórica, do imaginário e da memória coletiva. (MOURA, 2008, p. 2).

A história oral pode ser considerada técnica ou metodologia de pesquisa, que utiliza entrevistas gravadas com pessoas que vivenciaram e presenciaram fatos, fornecendo informações importantes que servem como registro para os acontecimentos sociais, denúncias, reivindicações, acontecimentos políticos, econômicos, culturais, religiosos, etc.

De acordo com Portelli (1997), a História Oral é

[...] uma ciência e arte do indivíduo. Embora diga respeito – assim como a sociologia e a antropologia – a padrões culturais, estruturais sociais e processos históricos, visa aprofundá-los, em essência, por meio de conversas com pessoas sobre experiências na vida de cada uma das personagens que não pertenceram necessariamente ao espaço- tempo da pessoa. (PORTELLI, 1997, p. 15).

A história oral, assim como o documentário tem potencial para incluir a voz dos anônimos. Nessas narrativas, os heróis e protagonistas são pessoas comuns, líderes da comunidade e pessoas desconhecidas. Tanto história oral como o documentário validam a história das fontes não-oficiais da sociedade, registram seus feitos, suas opiniões e atividades que se tornam história e documentos para a posteridade.

3. METODOLOGIA

Neste relato, empreendemos o método de observação participante, onde realizamos primeiramente a organização do material coletado (entrevistas com professoras participantes do projeto e trabalhos elaborados pelos alunos), codificando de forma indutiva as respostas das entrevistas em fechadas e abertas e os roteiros. Segundo Denzin (1978 apud LÜDKE e ANDRÉ, 1986, p.183), a observação participante é “uma estratégia de campo que combina simultaneamente a análise documental, a entrevista de respondentes e informantes, a participação e a observação direta e a introspecção”.

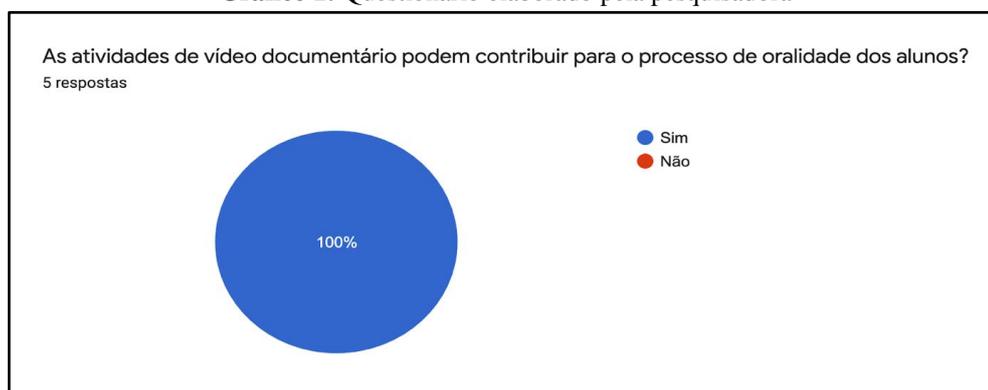
A coleta de dados das entrevistas foi realizada através de um questionário semiaberto, aplicado de forma individual e anônima através de formulário online. Os sujeitos respondentes

do questionário são (5) professores participantes diretos dos projetos analisados, que correspondem a 100% da análise.

4. RESULTADOS E ANÁLISES DA EXPERIÊNCIA EM SALA DE AULA

Quando perguntados se o documentário pode contribuir para o processo de oralidade dos alunos, os cinco professores foram unânimes na resposta.

Gráfico 1: Questionário elaborado pela pesquisadora

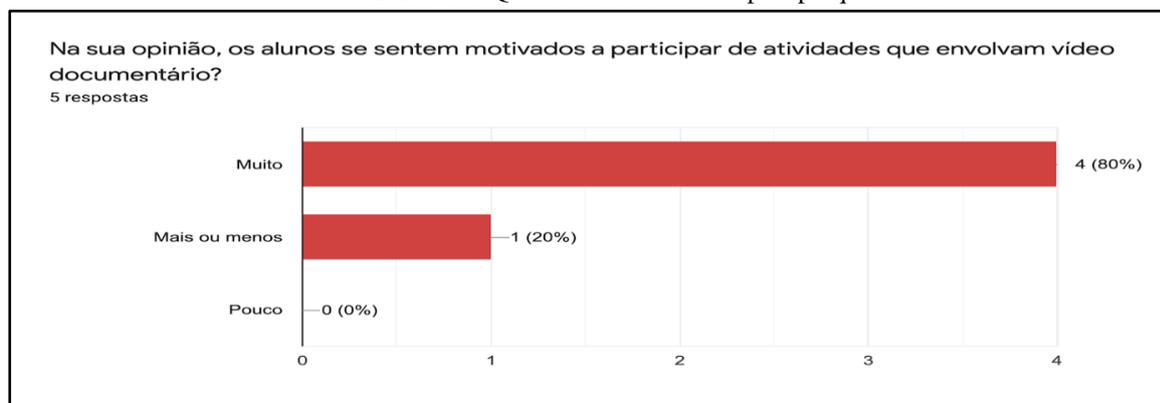


Fonte: Autora

275

Em relação à motivação dos alunos sobre participarem de atividades que envolvam o documentário, as opiniões variaram.

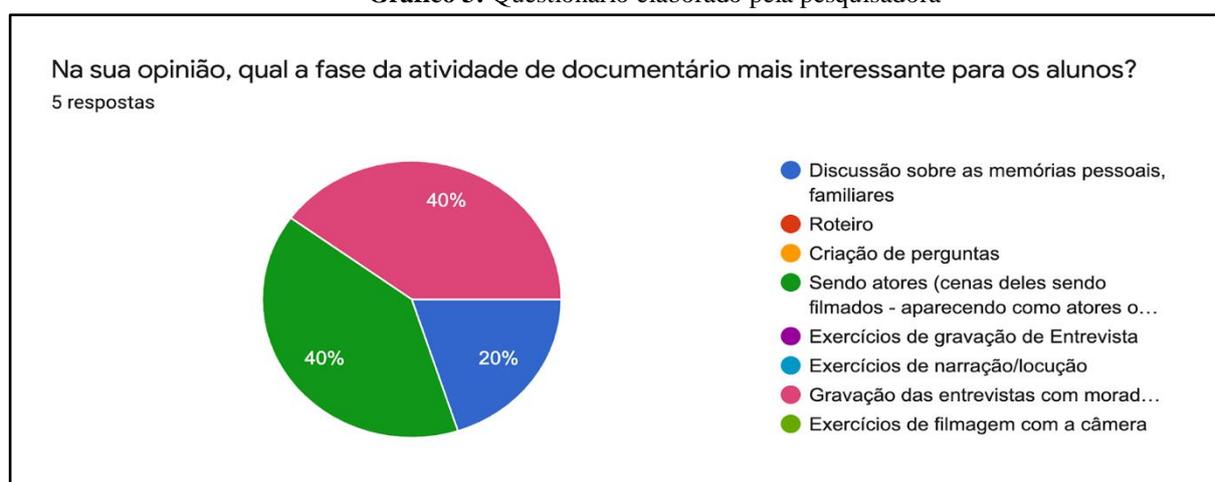
Gráfico 2: Questionário elaborado pela pesquisadora



Fonte: Autora

Sobre quais atividades no documentário são mais interessantes para os alunos, a opinião dos professores se dividiu em exercícios com uso da câmera, onde os alunos aprendem a mexer, gravar imagens, filmar cenas aleatório na escola e a gravação das entrevistas com moradores realizadas pela equipe dos alunos onde cada uma tem uma função específica, um estudante controla a câmera, outro grava o áudio, o terceiro aluno cuida da luz, o quarto filma *o making of* e o último aluno faz as perguntas para o entrevistado atuando como repórter.

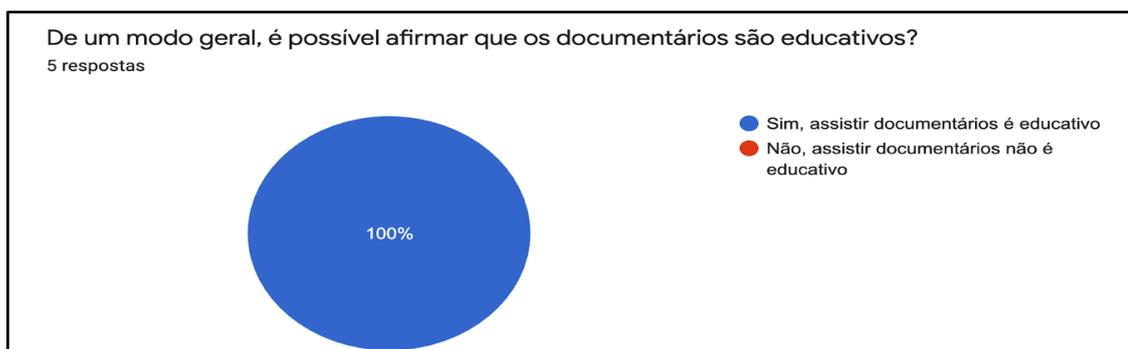
Gráfico 3: Questionário elaborado pela pesquisadora



Fonte: Autora

A última pergunta fechada se refere ao uso dos documentários em sala de aula. Por unanimidade, os professores acreditam que assistir documentários é educativo e pode ser utilizado como ferramenta em sala de aula.

Gráfico 4: Questionário elaborado pela pesquisadora



Fonte: autora

As duas questões abertas que foram enviadas aos professores tinham o objetivo de ouvir as opiniões sobre as contribuições das atividades com vídeo documentário para as disciplinas em geral e especificamente para a disciplina de Língua Portuguesa.

Tabela 1: Questionário elaborado pela pesquisadora

O documentário pode contribuir com quais disciplinas escolares para o processo de ensino-aprendizagem?
Em todas as disciplinas(interdisciplinaridade)
Todas
Língua portuguesa, história, geografia.
Acredito que contribua com todas as disciplinas, ou seja, é interdisciplinar.
Todas, trabalhando disciplinar.

Quais contribuições a atividade com vídeo documentário pode trazer para as aulas de Língua Portuguesa?
Inúmeras, dentre elas enriquecimento de vocabulário.
A oratória, desenvoltura, pesquisa.

As crianças aprendem a se expressar de forma mais ampla e desenvolvem seu potencial artístico.

Leitura, escrita, pesquisa, linguagem oral e corporal entre outras.

Melhora a oralidade e a escrita.

Fonte: Autora

Sobre as possíveis contribuições dos documentários para a Língua Portuguesa, foram citadas principalmente as questões ligadas à oralidade, leitura e escrita com aquisição de vocabulário e iniciação à pesquisa.

O Projeto Memória Andante focou nas histórias dos lugares, a ideia era apresentar e fomentar a curiosidade dos alunos na busca pela própria história do lugar onde viviam. O projeto foi realizado com cinco turmas de diferentes escolas e bairros. Cada turma ainda foi dividida em três equipes que abordaram assuntos diferentes sobre a história dos seus bairros. As equipes tiveram total liberdade para a escolha do enfoque dos assuntos a serem abordados no vídeo, sem fugir do teor histórico do bairro. Nesta tabela observamos uma síntese do projeto realizado:

Tabela 2

Escola	Tema	Horas de Observação	Sinopse do roteiro
EB Maria Nilza Ferreira Evaristo	Memórias do bairro Espinheiros	24 horas	Origens do bairro; Cooperativa de leite; Igreja; Brincadeiras antigas; Criação de búfalos; Canavial; Enchente 83/84
EB Judith Duarte de Oliveira	Memórias do bairro Itaipava	24 horas	Origem do bairro; Primeira escola; Olarias; Estação de trem; Sambaquis.

EB Padre José Anchieta	Memórias do bairro Canhanduba	24 horas	Origens do bairro; Primeira escola; Plantações; História do lixão; Vinda do presídio.
Escola Básica Aníbal Cesar	Memórias do bairro São Vicente	24 horas	A origem do bairro; A história da Rua Estefano José Vanolli; Primeira escola do bairro
EB Pedro Rizzi	Memórias do bairro Cidade Nova	24 horas	Memória das pessoas que foram atingidas pela enchente em Itajaí/SC no ano de 2008.

Fonte: Autora

Nesta análise, observei que o engajamento maior dos alunos está atrelado diretamente às histórias das vivências pessoais dos alunos. O vídeo Memórias do Bairro Cidade Nova repercutiu muito mais entre os estudantes, justamente pois a maioria deles vivenciou a experiência da enchente ou tinham conhecidos, familiares que foram atingidos pela catástrofe. Houve maior dedicação na escrita do roteiro e maior discussão entre as escolhas que precisavam ser feitas e os alunos estavam muito mais dispostos a criar e participar ativamente do processo de produção dos vídeos, elaborando pequenos textos, criando perguntas e oralmente entrevistando os moradores locais.

A repercussão e engajamento de temas históricos dos outros bairros, por sua vez, repercutiu positivamente entre a comunidade. Os cinco vídeos realizados pelo Projeto Memória Andante em Itajaí/SC chegaram ao total de 22.615 visualizações e 680 compartilhamentos no Facebook. Ou seja, o projeto ultrapassou os muros da escola e contemplou toda a comunidade, registrando através dos alunos, uma parte da história da cidade. O processo de oralidade no entanto se deu principalmente durante os debates e discussões promovidas nas aulas, onde os estudantes participavam contando suas histórias, suas lembranças, lendas que conheciam,

lugares que visitaram, patrimônios materiais da cidade que ainda não tiveram acesso e troca de saberes com os colegas.

5. CONCLUSÕES

Ao iniciar este relato, tinha como objetivo entender quais as contribuições que os documentários trazem para as aulas de Língua Portuguesa. Partimos do pressuposto que refletir sobre a cultura como ferramenta de estímulo à aprendizagem da comunicação, oralidade e linguagem audiovisual em sala de aula, trabalhando especificamente o documentário, oportuniza aos alunos as mais diversas experiências dentro da Língua Portuguesa. Os projetos que envolvem o documentário e a oralidade, dão a chance do diálogo e possibilitam a troca de saberes. Entendemos que o uso da tecnologia (câmeras, microfones, vídeo) é apenas um pano de fundo usado como atrativo para um trabalho profundo de oralidade e criatividade.

Observamos que assim como os adultos, as crianças possuem a vontade de registrar as histórias, sejam elas memórias da cidade onde vivem, experiências ou ficções e os projetos culturais dão oportunidade para que elas aprendam a preservar e criar suas próprias narrativas.

O projeto Memória Andante (2018)³ promoveu o uso da oralidade de forma a incentivar o contato com a história, o estreitamento das relações humanas na comunidade, o desenvolvimento de aptidões e técnicas de pesquisa e da entrevista como recurso para este processo de registro. Além disso, os debates que antecederam a filmagem revelaram o envolvimento das crianças, a capacidade de reflexão, noções de trabalho em equipe, habilidades de comunicação e autoestima.

Concluimos que os projetos que envolvem documentários podem contribuir significativamente para as aulas de Língua Portuguesa pois atendem alguns objetivos dos Parâmetros Curriculares Nacionais do ensino fundamental como

³ Disponível em: <https://www.facebook.com/memoriaandante/videos>

Utilizar a linguagem na escuta e produção de textos orais e na leitura e produção de textos escritos de modo a atender a múltiplas demandas sociais, responder a diferentes propósitos comunicativos e expressivos, [...] utilizar a linguagem para estruturar a experiência e explicar a realidade, [...] reconhecer e valorizar a linguagem de seu grupo social como instrumento adequado e eficiente na comunicação cotidiana. (PCN, 1998, p. 32).

As atividades que envolvem a produção de documentários propõem aos estudantes situações comunicativas diversas, como debates com os colegas, planejamento e realização de entrevistas, diálogos com idosos, que também passa pelo processo de escuta. O documentário aguça os sentidos e o senso crítico, desperta o interesse de temas históricos e do tempo presente, permite autonomia na autoria da narrativa, possibilita a relação de troca de conhecimento entre comunidade e alunos e por fim, se apresenta como um gênero relevante enquanto prática de linguagem.

REFERÊNCIAS

ALMEIDA, Juniele Rabêlo de; ROVAI, Marta Gouveia de Oliveira (Org.). **Introdução à História Pública**. São Paulo: Letra e Voz, 2011.

281

BRASIL, **Parâmetros Curriculares Nacionais**: terceiro e quarto ciclos: Língua Portuguesa. Brasília: MECSEF, 1998.

CANCLINI, Néstor García. **Diferentes, desiguais e desconectados**: Mapas da interculturalidade . 3cd. - Rio de Janeiro: Editora. UFRJ, 2009.

CANDAU, Vera Maria. **Didática e Interculturalismo**: uma aproximação. In LISITA, Verbena Moreira. SOUSA Luciana Freire E. C.P. (Orgs). Políticas educacionais, práticas escolares e alternativas de inclusão escolar. Coed. Editora Alternativa, 2003.

HALL, Stuart. **Cultura e representação**. Tradução Daniel Miranda e William Oliveira. Rio de Janeiro: Ed. PUC-Rio: Apicuri, 2016. 260 p.

LUCENA, Luiz Carlos. **Como fazer documentários**. São Paulo, Summus Editorial, 2012

LÜDKE, M & ANDRÉ, M.E.D.A. **Pesquisa em Educação**: Abordagens Qualitativas. São Paulo: EPU, pp. 25-44, 1986

MARCUSCHI, **Concepção de língua falada nos manuais de português** de 1º. e 2º. Graus: uma visão crítica. *Trabalhos em Lingüística Aplicada*, 30: 39-79, 1997.

- MOURA, Hudson. **Oralidade e fabulação no cinema documentário**. BOCC – Biblioteca Online de Ciências da Comunicação, Covilhã, Portugal, 2005. Disponível em: <http://www.bocc.ubi.pt/pag/moura-hudson-oralidade-e-fabulacao.pdf> Acesso em: 28 de abril de 2021.
- NEGREIROS, Gil; BOAS, Gislaine. "**A oralidade na escola: um (longo) percurso a ser trilhado**" *Letras* [Online], Número 54, 2017. Disponível em: <https://periodicos.ufsm.br/letras/article/view/29573/pdf>. Acesso em: 25 abr 2021.
- NICHOLS, Bill. **Introdução ao Documentário**. 5ª Ed. Campinas, SP: Papyrus, 2012
- ONG, Walter J. **Oralidade e Cultura Escrita**. Trad. Enid Abreu Dobránsky. São Paulo: Papyrus, 1998
- PORTELLI, Alessandro. **Tentando aprender um pouquinho: algumas reflexões sobre a ética na História Oral**. Projeto História 15. São Paulo, 1997.
- PORTELLI, Alessandro. História Oral como gênero. **Projeto História**. São Paulo, n. 22, p. 9-36, jun, 2001.
- RAMOS, Fernão Pessoa. **Mas afinal... o que é mesmo documentário?** São Paulo, SP: Editora SENAC, 2008
- RÊGO, Francisco Gabriel. **Documentário indígena: voz, autorrepresentação e outros tensionamentos**. Seminário Interlinhas. Bahia, v.3, n. 2, p.55-64, jun, 2005.
- SODRÉ, Muniz. **Reinventando a Educação: diversidade, descolonização e rede**. Ed. Vozes. 2012.
- WARNIER, Jean-Pierre. **A Mundialização da Cultura**. Bauru: EDUSC, 2000.
- ZUMTHOR, P. **Introdução à poesia oral**. Tradução de Jerusa Pires Ferreira, Maria L. D. Pochat e Maria I. de Almeida. Campinas: Hucitec, 1993.

Submetido: 02/03/2022

Aprovado: 30/03/2022